

ESCREVENDO EM HIERÓGLIFOS¹

Moacir Elias Santos²

Há muitos anos, quando ainda na infância, lembro-me de ter assistido a um filme produzido em 1980, originalmente chamado “The Awakening” (O Despertar), mas traduzido aqui no Brasil como “Reencarnação”. Neste, havia uma cena curiosa, que mostrava o instante em que o egiptólogo Matthew Corbeck (interpretado por Charlton Heston) e sua assistente Jane Turner (interpretada por Susannah York) encontravam uma grande inscrição hieroglífica, que mencionava uma rainha cujo nome havia sido apagado por seus atos malévolos. A leitura dos hieróglifos feitos por ela parecia perfeita aos olhos de um leigo, mas grande foi minha surpresa, ao assistir o filme novamente duas décadas depois: as inscrições estavam corretas, mas ela estava lendo o texto de trás para frente! Acredito que os consultores do filme acabaram por esquecer este pequeno detalhe, que seria a primeira regra da leitura dos hieróglifos: a direção da escrita.

A língua egípcia é formada por um grande número de sinais que no estágio conhecido como Médio Egípcio inclui aproximadamente setecentos hieróglifos. As imagens podem ser agrupadas dentro de diversas categorias, que apresentam figuras humanas, diversas classes de animais, plantas, edificações, objetos inanimados, entre muitas outras. Mas como seria possível, dentre tantos sinais, saber onde começa uma frase? A resposta é algo bem fácil: basta olhar para onde qualquer uma das figuras animadas está direcionada, seja ela uma mulher sentada ou um pato em pé. Assim, se as figuras estão todas voltadas para o lado esquerdo do espectador, lê-se da esquerda para a direita, se apontarem para a direita, lê-se da direita para a esquerda. A mesma situação ocorre para as figuras que se encontram em colunas, basta observar a direção das mesmas. Esta regra possibilitou aos egípcios escreverem em quatro sentidos diferentes na horizontal e na vertical.

¹ Versão original de um artigo publicado com algumas modificações. Referência: SANTOS, M.E. Escrevendo em hieróglifos. *Leituras da História*. São Paulo: Editora Escala, n. 24, jan., p. 28-35, 2010.

² Arqueólogo, Doutorando em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense; Membro do Grupo de Estudos Egiptológicos Maat do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade da UFF.

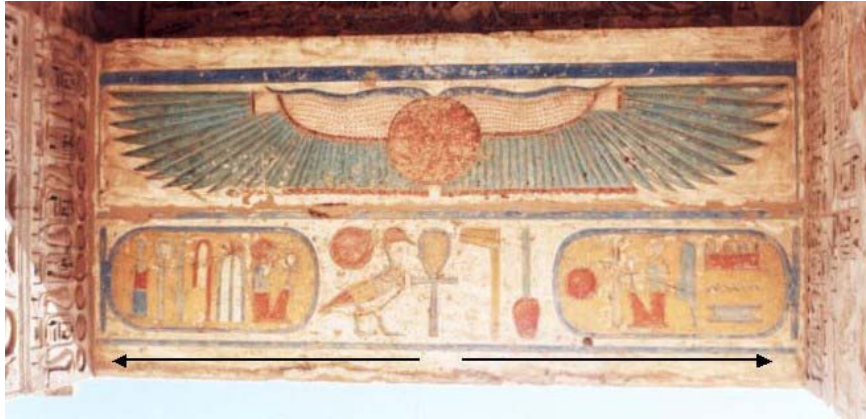


Figura 1 - Esta imagem de uma arquitrave do templo de Medinet Habu, apresenta o disco solar alado com uma inscrição, contendo os dois nomes do faraó Ramsés III. A leitura se faz do centro para as extremidades, conforme indicado pelas setas. Foto de Moacir Elias Santos.

O leitor já deve ter observado que, por vezes, os sinais hieroglíficos estão perfeitamente organizados dentro dos espaços das linhas, das colunas ou mesmo ao lado das figuras que compõe uma cena. O senso estético dos antigos egípcios era muito apurado e podemos perceber, pelos detalhes das inscrições, que eles achavam muito estranho a colocação de um símbolo estreito e alto ao lado de um longo e baixo. Para eles a simetria deveria ser quase que perfeita e esta foi conseguida a partir da inserção dos símbolos dentro de retângulos imaginários. Esta harmonia resultou no agrupamento, na sobreposição dos sinais e, até mesmo, na inversão da ordem dos hieróglifos que compunham uma determinada palavra. Neste último caso é como se pudéssemos, na língua portuguesa, inverter a ordem das letras do substantivo “cabelo”, somente para que as consoantes “b” e “l” ficassem juntas, resultando nesta forma: “cableo”.

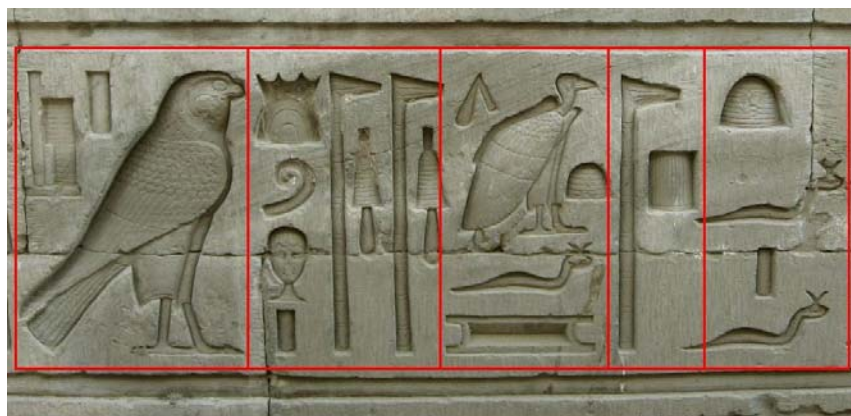




Figura 2 – Organização dos sinais hieroglíficos dentro de retângulos imaginários. Note como os sinais são agrupados e sobrepostos. A inscrição é de uma parede do templo do deus-crocodilo Sobek, em Kom Ombo. Foto de Moacir Elias Santos.

A forma dos sinais hieroglíficos em geral pode ser reconhecida sem muitas dificuldades, o que possibilita o seu rápido entendimento se a compararmos com outros sistemas de escrita, cujos símbolos são mais abstratos. Antes da decifração dos hieróglifos por Jean-François Champollion, em 1822, acreditava-se que a escrita egípcia era composta exclusivamente por um único tipo de sinal, o pictográfico. Na realidade, o sábio francês concluiu que os hieróglifos poderiam ser classificados também como ideográficos, fonéticos e determinativos, cada um com um valor gramatical diferente. Vejamos o que significa cada um destes sinais.

Os pictográficos podem representar um objeto, um ser ou mesmo uma idéia. Podemos afirmar que um desenho pictográfico é um signo-objeto. Vamos observar como isto ocorre na prática, com dois exemplos referentes aos sinais de “casa” e “braço”. Para escrever a palavra “casa”, os escribas egípcios desenhavam a imagem da planta baixa de uma residência com um só cômodo (), e colocavam ao lado desta, ou abaixo, um pequeno traço vertical, que denominamos “traço determinativo” - para confirmar que o sinal representa realmente uma casa. Já a palavra “braço” se escreve com o sinal de um antebraço (), e tal como no caso anterior é necessário a colocação do traço determinativo para confirmar o sentido do sinal, mostrando que se trata realmente de um braço.

Antes de prosseguirmos com os tipos de sinais são necessárias algumas explicações sobre a pronúncia das palavras e a transliteração. Como o egípcio antigo que era falado em tempos faraônicos é uma língua morta, e pelo fato de que as vogais não eram utilizadas na escrita, tal como ocorre na língua árabe, os estudos sobre a fonética dos egípcios é um campo bastante difícil. Quem assistiu aos filmes “Stargate”, “A Múmia” e “O Retorno da Múmia” deve ter ouvido algumas palavras que soariam como se escutássemos aos antigos egípcios. Mas na realidade, o único eco que ainda podemos ouvir está presente na língua Copta, que se conservou graças a liturgia da Igreja Copta no Egito.





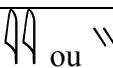


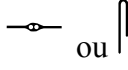
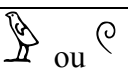






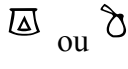
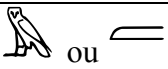
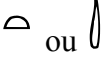
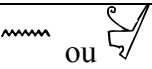





Mas como pronunciar o egípcio se não existem vogais, apenas consoantes e semivogais? A resposta, novamente, é fácil. Os pioneiros da filologia egípcia criaram um sistema para permitir a vocalização das palavras, adicionando um “e” quando temos duas consoantes juntas. Assim, para a palavra “casa”, que possui valor sonoro “pr”, lê-se “per”. No Brasil, todos os pesquisadores que aprenderam a língua egípcia com o Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso, seguem a pronúncia dos egiptólogos franceses para as palavras. Por exemplo, quando aparece um “w” em alguma palavra, pronuncia-se “u”. O “a” e o “i”, que são semivogais, são lidos como tais. Esta pronúncia é um pouco diferente para os falantes de

língua inglesa e alemã. Tais convenções são totalmente artificiais, portanto, para quebrar a monotonia no caso de algumas palavras ou nomes de reis, optou-se por trocar o “i” pelo “a”, além de inserir, às vezes, a vogal “o”. Por exemplo, se sempre seguissemos a convenção egiptológica pronunciaríamos o nome de um rei assim: “Imenhetep”, mas na literatura pode aparecer Amenhotep ou mesmo Amonhotep. Isto, sem dúvida, cria certas confusões para os leigos, mas os pesquisadores já se acostumaram com a variedade destas pronúncias em particular, inclusive também pela existência de variantes provenientes da língua grega, como “Amenófis” para Amenhotep.









Outra convenção feita pelos egiptólogos está relacionada à transliteração das palavras egípcias. Esta é uma forma de transformar sinais hieroglíficos em letras para que possamos entender a pronúncia dos mesmos. O sinal hieroglífico para a palavra “casa” (𓀃), que mencionamos acima, é transliterado “*pr*”. Neste processo apenas os sinais que possuem valor sonoro ou fonético aparecem, outros, que veremos adiante, como os complementos fonéticos e determinativos não são marcados na transliteração.

O segundo tipo de sinal é o ideograma, cujo significado está relacionado à apresentação de uma idéia. Contudo, diferentemente do pictograma, o ideograma não trata do próprio objeto, mas do conceito apresentado por ele. Vejamos um exemplo: a imagem de um homem com a mão na boca (𓂏), pode expressar diversas situações relacionadas à boca, tal como o ato de “falar” – *mdw* (𓂏𓂏), de “ter sede” – *ib* (𓂏𓂏), e mesmo, de “comer” – *wnm* (𓂏𓂏). Embora façamos uma distinção entre sinais pictográficos e ideográficos, diversas gramáticas de Médio Egípcio, não o fazem. Tratam os pictogramas e os ideogramas como se representassem o mesmo conceito, relacionado a uma idéia.









Na língua egípcia quase todos os sinais são fonéticos, isto é, são figuras que representam um som específico e que podem ser divididas em três grupos: uniconsonantais, ou uniliterais, biconsonantais, ou biliterais, e triconsonantais, ou trilaterais. A diferença entre os grupos é justamente o número de sons. Os uniconsonantais são os que representam uma única consoante. Na língua egípcia existem vinte e quatro sinais deste tipo, alguns com diferentes formas, que corresponderiam ao pseudo-alfabeto. Nas colunas abaixo temos o sinal hieroglífico, sua transliteração e o respectivo valor sonoro:






| <i>Sinal</i> | <i>Transliteração</i> | <i>Valor Sonoro</i> | <i>Sinal</i> | <i>Transliteração</i> | <i>Valor Sonoro</i> |
|---|-----------------------|------------------------|--|-----------------------|-----------------------------|
|  abutre egípcio | <i>ʒ</i> | oclusão glótica (a) |  corda enrolada | <i>ḥ</i> | h enfático |
|  junco | <i>i</i> | i |  placenta (?) | <i>ḥ</i> | h fortemente aspirado |
|  dois juncos ou dois traços | <i>y</i> | y |  ventre de um bovino | <i>ḥ</i> | h mais suave que o anterior |
|  antebraço | <i>ʿ</i> | ayin semítico (a) |  ferrolho ou pano dobrado | <i>s</i> | s |
|  codorniz ou corda enrolada | <i>w</i> | w (u) |  tanque | <i>š</i> | sh |
|  perna | <i>b</i> | b |  elevação de montanha | <i>ḳ</i> | q |
|  banco | <i>p</i> | p |  cesta com asa | <i>k</i> | k |
|  víbora com chifres | <i>f</i> | f |  suporte para vaso ou saco | <i>g</i> | gue |
|  coruja ou costelas | <i>m</i> | m |  pão ou mão de pilão | <i>t</i> | t |
|  linha d'água ou coroa vermelha | <i>n</i> | n |  peia | <i>t̄</i> | tj |
|  boca | <i>r</i> | r |  mão | <i>d</i> | d |
|  cômodo | <i>h</i> | h |  serpente | <i>ḏ</i> | dj |

O segundo grupo de sinais fonéticos é o dos biconsonantais, isto é, daqueles que representam duas consoantes. O número de sinais nesta categoria atinge aproximadamente uma centena. A tabela abaixo apresenta alguns dos mais comuns:







| <i>Sinal</i> | <i>Significado do Sinal</i> | <i>Transliteração</i> | <i>Pronúncia</i> |
|---|-----------------------------|-----------------------|------------------|
|  | face masculina | <i>hr</i> | her |
|  | pato | <i>sz</i> | sa |
|  | pântano com papiros | <i>šz</i> | sha |
|  | céu | <i>pt</i> | pet |
|  | pupila do olho solar | <i>r^c</i> | ra |
|  | planta de uma casa | <i>pr</i> | per |
|  | enxada | <i>mr</i> | mer |
|  | cesta | <i>nb</i> | neb |

O terceiro e último grupo de sinais são os triconsonantais, com três consoantes sucessivas. A tabela abaixo mostra alguns deles:

| <i>Sinal</i> | <i>Significado do Sinal</i> | <i>Transliteração</i> | <i>Pronúncia</i> |
|--|-----------------------------|-----------------------|------------------|
|  | traquéia com coração | <i>nfr</i> | nefer |
|  | escaravelho | <i>hpr</i> | kheper |
|  | estrela | <i>sb3</i> | seba |
|  | mesa de oferendas | <i>h̄tp</i> | hetep |
|  | bandeira | <i>n̄tr</i> | netjer |
|  | remo | <i>hrw</i> | kheru |
|  | traquéia com pulmões | <i>sm3</i> | sema |
|  | pássaro | <i>tyw</i> | tyu |

As palavras que são formadas por sinais biconsonantais ou triconsonantais podem ser seguidas por outros sinais fonéticos. Estes são chamados “complementos fonéticos”. Embora estes hieróglifos tenham um valor sonoro, pois a maioria pertencem ao pseudo-alfabeto, no contexto em que aparecem eles não devem ser lidos. Sua função nas palavras era de facilitar o aprendizado da escrita e da leitura, além de enfatizar ou preencher espaços se houvesse necessidade. Por exemplo: a palavra *nfr* ( ), que pode ser traduzida como bom ou belo, escreve-se com  *nfr* +  = *f* +  = *r*; aqui “*f*” e “*r*” são complementos fonéticos. Lê-se apenas o primeiro hieróglifo (nefer) e não todo conjunto (neferrefer).

O último tipo de sinal é chamado de determinativo. Diferentemente dos demais, ele não possui nenhum valor fonético, quando aparece ao final de uma palavra. Seu uso está restrito a identificar um sentido, ou o seu real significado. Os determinativos também servem para localizar o final de uma palavra, já que na língua egípcia não há espaços para a separação entre elas. Para o leitor entender melhor este tipo de sinal, eis um exemplo:

Quando o hieróglifo do equipamento de escrita – *šs* (), for seguido pelo determinativo “homem” (), temos a palavra “sesh” que se lê “escriva” ( ). Já se o equipamento de escrita – *šs* (), for seguido por um rolo de papiro selado (), temos uma

palavra diferente. A pronúncia é a mesma, “sesh”, mas agora ela significa “escrita” (𓆎𓅓). Se o hieróglifo determinativo muda, o sentido da palavra também se modifica, já que a pronúncia para escrita e escriba é a mesma. Mas devemos levar em consideração que nem todas as palavras egípcias possuem determinativos. Por vezes, os egípcios esqueciam de desenhá-los o que torna certas traduções um pouco mais difíceis.

Na língua egípcia também encontramos algumas particularidades no que se refere à escrita. Algumas palavras relacionadas a nomes de divindades e pessoas importantes, como o rei, são colocadas à frente das demais em sinal de respeito. Esta alteração chama-se Inversão Respeitosa ou Transposição Honorífica. Por exemplo, na frase 𓆎𓅓 *šs nsw* = “o escriba do rei”, a palavra rei (𓆎) precede a de escriba (𓅓). O mesmo acontece nesta fórmula funerária 𓆎𓅓𓅓 *ḥtp di inpw* = “uma oferenda que Anúbis dá”, onde o hieróglifo que representa o deus Anúbis (𓆎) precede as demais palavras (𓅓𓅓). Como se pode observar, em ambas as sentenças, os sinais de “rei” e do “deus” passaram à frente dos demais em sinal de respeito.

Encontramos, igualmente, determinadas palavras que podem sofrer abreviação por falta de espaço no local onde se encontram, seja em uma estela ou em uma parede. Por exemplo, o epíteto dado aos mortos que passaram no tribunal de Osíris, sem terem cometido nenhuma falta ou infração contra a ordem é 𓆎𓅓𓅓𓅓 *mꜣꜥ-ḥrw* = “justo de voz” ou “justificado”. Por ser um grupo grande de sinais eles podem ser simplesmente escritos com os dois dos hieróglifos, tanto na vertical (𓆎𓅓) quanto na horizontal (𓅓𓅓), sem prejudicar o entendimento.

Uma Gramática Inicial

Para a leitura de um pequeno texto são necessárias as explicações sobre mais algumas regras gramaticais. Embora elas representem o primeiro passo para o aprendizado da escrita hieroglífica, há muitas outras que omitiremos aqui por razões ligadas à complexidade e ao espaço.

Gênero e Número:



Há no egípcio dois gêneros: masculino e feminino. Substantivos masculinos não possuem nenhuma desinência, já os femininos contêm um t (𓆎) no final das palavras. Por exemplo:


𓆎𓅓 *nb* = senhor


𓆎𓅓𓆎 *nbt* = senhora



 *sn* = irmão  *snt* = irmã


Note que no exemplo acima, quando a palavra está no feminino o determinativo também muda – a figura do homem sentado foi substituído pela da mulher sentada.

Os números são três: singular, dual e plural. O singular não possui nenhum sinal. As terminações no dual são *wy* () para o masculino e *y* () para o feminino. Por exemplo:

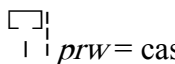
 *rdwy* = dois pés

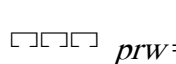
 *snty* = duas irmãs

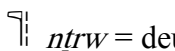
O plural é designado com *w* () para o masculino e *wt* () para o feminino. Os três traços também designam o plural. O plural arcaico era feito com a triplicação do símbolo. Por exemplo:

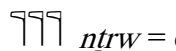
 *b3kw* = servos

 *b3kwt* = servas


 *prw* = casas

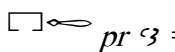
 *prw* = casas

 *ntrw* = deuses

 *ntrw* = deuses

Na escrita egípcia os adjetivos seguem a forma do gênero e do número do substantivo que descrevem e aparecem depois do substantivo. Por exemplo:

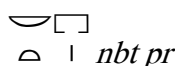
 *s nfr* = bom homem

 *pr 3* = casa grande

 *snwt ikrwt* = ótimas irmãs










Genitivo Direto e Indireto:






O genitivo é formado pela união de dois substantivos, podendo ser expresso de duas maneiras, direta e indireta, isto é, com ou sem uma partícula de ligação. É comum em títulos e frases onde os substantivos estão estreitamente conectados. Podem ser traduzidos por: de, do, da, dos e das. No genitivo direto não há partícula de ligação. Exemplos:

 *nbt pr* = dona de casa

 *nb t3wy* = senhor das duas terras







Já o genitivo indireto possui uma partícula de ligação (adjetivo genitivo) da seguinte forma:


| | Singular | Dual | Plural |
|------------------|---|--|---|
| Masculino |  - <i>n</i> |    - <i>nwy</i> |  - <i>nw</i> |
| Feminino |  - <i>nt</i> |   - <i>nty</i> |  - <i>nt</i> |

Como exemplo:      *sb3 n pr* = porta da casa


Pronomes Sufixos:



Estes pronomes indicam a quem uma coisa pertence. Podem ser usados como sujeito depois de um verbo, como pronome possessivo depois de um substantivo, como pronome pessoal depois de uma preposição e como objeto depois de um infinitivo. Necessariamente eles devem ser acompanhados de um ponto na transliteração. Assim temos:





      *.i* = meu, minha. Note que se trata da primeira pessoa do singular os sinais hieroglíficos correspondem a um homem comum, um deus, um rei e uma mulher.





 *.k* = teu, tua. Refere-se ao masculino singular.







  *.t* ou *.t* = teu, tua. Refere-se ao feminino singular.

 *.f* = seu, sua (dele).



  *.s* = seu, sua (dela).








   *.n* = nosso, nossa.



    *.tn* ou *.tn* = vosso, vossa. Contém variações.

      *.sn* = seus, suas. Contém variações.


Exemplos:


  *pr.i* = minha casa

      *mwt.n* = nossa mãe

  *ib.k* = teu coração
















Dativo:

Na língua egípcia o dativo é expresso por meio da preposição *n* () que pode ser traduzido por “para”, precedendo o substantivo ou pronome. Assim:


 *n nbt pr* = para a dona de casa


Preposições:


Há muitas preposições na língua egípcia. Vejamos algumas:

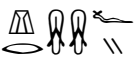
| | | | | | |
|---|------------|-------------------|---|-----------------------|----------------|
|  | <i>n</i> | a, para, porque |  | <i>mi</i> | igual, como |
|  | <i>m</i> | em, por, de, com |  | <i>hn^c</i> | junto com |
|  | <i>r</i> | para, em, mas que |  | <i>h3</i> | atrás |
|  | <i>hr</i> | sobre |  | <i>tp</i> | sobre, acima |
|  | <i>hr</i> | debaixo, sob |  | <i>hnt</i> | em frente |
|  | <i>hr</i> | com, perto |  | <i>ht</i> | em, através de |
|  | <i>htf</i> | em frente de |  | <i>dr</i> | desde |
|  | <i>in</i> | por (agente) | | | |

Exemplos do uso de preposições em frases adverbiais:

 *hn.i* = Junto comigo

 *m.ib.i* = Em meu coração

 *hr.mw* = Sobre a água

 *hr.tbwty.fy* = Sob suas sandálias

Numerais Cardinais:

Os numerais cardinais egípcios aparecem normalmente após o substantivo a que pertencem. Mas há exceções, em que os numerais podem aparecer antes. Quando isso ocorre há uma preposição, tal como *n* ou *m*, entre o numeral e o substantivo. Nesse caso, o número “um” – *w^c*, tem uma função de artigo indefinido.

Os numerais cardinais são os seguintes sinais:

$$| \quad w^c = 1$$

$$\cap \quad mdw = 10$$

$$\varrho \quad \check{s}t = 100$$

$$\text{⌋} \quad h\check{s} = 1\,000$$

$$\text{⌋} \quad db^c = 10\,000$$

$$\text{⌋} \quad hfnw = 100\,000$$

$$\text{⌋} \quad hh = 1\,000\,000$$

A seguinte tabela mostra como são escritas as unidades e as dezenas:

| | | | | | |
|---|--|--|----|----------------------------|-----------------------------------|
| 1 | | $\text{⌋} \quad = w^c$ | 10 | \cap | <i>mdw</i> |
| 2 | | $\text{⌋} \quad \varrho = snw$ | 20 | $\cap\cap$ | <i>dwty</i> |
| 3 | | $\text{⌋} \quad \varrho \quad \cap = hmt$ | 30 | $\cap\cap\cap$ | <i>m^cb^s</i> |
| 4 | | $\text{⌋} \quad \varrho \quad \cap = fdw$ | 40 | $\cap\cap\cap\cap$ | <i>h^cmw</i> |
| 5 | | $\text{⌋} \quad \varrho \quad \cap \quad \cap = diw$ | 50 | $\cap\cap\cap\cap\cap$ | <i>diyw</i> |
| 6 | | $\text{⌋} \quad \varrho \quad \cap \quad \cap \quad \cap = sisw$ | 60 | $\cap\cap\cap\cap\cap\cap$ | <i>sⁱsyw</i> |

| | | | | | |
|---|--------|---------------|----|--|--------------|
| 7 | ⋮ ⋮ | = <i>sfhw</i> | 70 | | <i>sfhyw</i> |
| 8 | ⋮ ⋮ | = <i>hmnw</i> | 80 | | <i>hmnyw</i> |
| 9 | ⋮ ⋮ | = <i>psd</i> | 90 | | <i>psdyw</i> |

Exemplos:

= 1312

= Três reis

= Quarenta cúbitos

= Milhões de anos

Referências Bibliográficas:

Até o presente não existe nenhuma obra publicada em língua portuguesa que abarque toda a gramática do Médio Egípcio. O Prof. Ciro Flamarion Cardoso escreveu duas versões que atualmente utiliza em suas aulas na Universidade Federal Fluminense, mas que ainda não foram publicadas. Recomendamos os seguintes livros que apresentam alguns passos iniciais:

BAKOS, M. M. O que são hieróglifos. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Primeiros passos)

DAVIES, W. V. “Os hieróglifos egípcios”. In: Lendo o Passado: do cuneiforme ao alfabeto. A história da escrita antiga. São Paulo: Melhoramentos, 1996. p. 94-173.

PARKINSON, R. *O Guia dos Hieróglifos Egípcios: como ler e escrever em egípcio antigo*. São Paulo: Madras, 2006.

Em inglês recomendo as excelentes gramáticas e dicionário:

ALLEN, J. P. *Middle Egyptian: an introduction to the language and culture of hieroglyphs*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ENGLUND, G. *Middle Egyptian: an introduction*. Uppsala: University Press, 1995.

FAULKNER, R. O. *A concise dictionary of Middle Egyptian*. Oxford: Griffith Institute, 1962.

GARDINER, A. *Egyptian Grammar: being an introduction to the study of hieroglyphs*. Oxford: Griffith Institute, 1988.